



# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

## ANTERO DE QENTAL ONTEM E HOJE.

SÁ, Victor de

Ano: 1992 | Número: 102

---

### Como citar este documento:

SÁ, Victor de, Antero de Qental Ontem e Hoje. *Revista de Guimarães*, 102 Jan.-Dez. 1992, p. 77-93.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



**casadesarmiento**

centro de estudos do património

## Antero de Quental, ontem e hoje

Victor de Sá

Revista de Guimarães, n.º 102, 1992, pp. 77-93

Começo por felicitar, se me permitem, os corpos sociais da Sociedade Martins Sarmiento, pela iniciativa destas comemorações: "Pensar os Pensadores" é um autêntico desafio ao bairrismo vimaranense, que assim testemunha a sua fidelidade — e continuidade — relativamente a dois dos mais destacados intelectuais do século passado: Alberto Sampaio, o Herculano do Noroeste português, aqui nascido e integrado no seu meio social desde que foi guarda-livros do Banco Comercial de Guimarães, — ele, bacharel de Direito — até dirigir a 1ª exposição industrial local em 1884; e Antero de Quental, nascido longe daqui, numa das ilhas atlânticas dos Açores, mas que, amigo íntimo de Sampaio, desde a adolescência de ambos em Coimbra, aqui veio por diversas vezes, atraído por essa amizade fiel e fraternal, respirar os ares tranquilos da Costa na quinta do seu amigo, onde repousava das frustrações e intranquilidades sofridas pelo poeta, e sobretudo para se reencontrar, depois das aguilhoadas sofridas na vida urbana, para a qual não se sentia atraído.

"Pensar os Pensadores" é, pois, um bom título para esta série de conferências e iniciativas que a Sociedade Martins Sarmiento empreendeu realizar em Guimarães.

E como, sobre Alberto Sampaio, já cá me debrucei há anos, quando do Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada, hoje

será a Antero que me dedicarei, neste ano que marca o centenário do seu suicídio.

Vou evocá-lo ontem e hoje, quero dizer como o vi na minha juventude, nos meus 40 anos, e hoje. Como Antero enche as nossas vidas, como pode ser visto sob diversos ângulos, múltiplas perspectivas.

Antero de Quental. A austeridade, a força moral que irradia do seu viver. A auréola de Santo com que Eça o consagrou. O rebelde. O apostrofador dos poderosos da terra. O pregador da " revolução". O derrubador dos ídolos. O apóstolo de uma Sociedade nova. O filósofo. O místico. O dramatismo de uma existência. A transcendência metafísica dos seus sonetos. O desespero de um suicídio aos 49 anos...

... Que persistente fascínio tem irradiado, através de todo um século, dessa estranha personalidade! Geração sobre geração, desde os contemporâneos da Questão Coimbrã aos místicos do final do século, dos militantes do primeiro socialismo português aos doutrinadores da República triunfante, dos cultores da arte pela arte aos críticos neo-realistas — quantos estudos, quantas evocações, têm mantido Antero sempre vivo na nossa presença! Todas as escolas literárias e diversas correntes políticas têm tido necessidade de passar por Antero, a colher nele motivos de inspiração.

Cem anos decorridos sobre a sua morte, estudiosos, pensadores e jovens voltam-se ainda para essa Meca da nossa cultura, e mais uma vez se debruçam sobre ele, revolvem a sua obra, relêem os seus escritos, analisam a sua personalidade, tentando decifrar o enigma esfíngico da sua perduração.

Que mistério é esse? Que causas o determinam? Que significado encerra?!

Por mim penso que Antero mantém-se actual e presente em nós, porque é ainda hoje uma dramática personificação de muitas das angústias do nosso tempo. Sensibilidade extremamente receptiva aos sintomas da decomposição social da sua época, Antero foi testemunha, e tentou ser intérprete de todo um mundo de valores em vertiginosa

transformação, que ele sentia, sabia que ruíam, ele próprio ajudou a que ruíssem, mas ao mesmo tempo, e contraditoriamente, desejava que se conservassem para salvar a placidez do seu espírito, afinal atormentado.

A austeridade moral; a coerência, que prezava acima de tudo, entre o pensar e o proceder; a fé na razão, — tudo isso por um lado. E, por outro, a teimosia em pretender harmonizar no plano ideal do pensamento o que era antagónico no plano das realidades, tanto sociais como da natureza; esse esforço dramático pela sobrevivência de uma aspiração de harmonia universal, num mundo que, afinal, só pela luta dos contrários se transforma; — toda essa tensão humana se sublimou nele em versos, em declamações e em atitudes, deixando aí vincadas as marcas de muitas das contradições fundamentais do seu tempo. E ainda do nosso.

O diálogo que várias gerações travam com Antero, é semelhante àquele que também eu próprio, individualmente, iniciei com ele há meio século.

Na minha adolescência, nele me encontrei a mim próprio. Com ele me identifiquei no meu entusiasmo juvenil. Como ele, quebrara as amarras de uma tradição confessional e provinciana, "imersa no seu plácido sono histórico". E, de janelas e portas abertas a tudo quanto fosse novidade e renovação, lancei-me nos experimentos da vida prática, com uma sede de actividades que as escolas não saciavam.

Foi em Antero que primeiro vi formuladas as minhas próprias inquietações e ansiedades, a expressão da mesma tortura moral perante as iniquidades sociais.

Sob a forte impressão da personalidade alucinante de Antero, eu então recém-saído das banquetas liceais, vão decorridos 50 anos, senti-me avassalado pelo idealismo contagiante dessa figura. Andava desfocada nos compêndios escolares, e tentei reabilitá-la do modo que então pude.

Foi assim que, em 1942, pratiquei o meu primeiro atrevimento literário. Sob o encorajamento de Agostinho da Silva e de Mário Sacramento, lancei-me a repor Antero conforme o meu imaginário de

adolescente, na grandeza combativa das suas "Odes Modernas", e na expressão renovadora da "dissidência coimbrã". Foi a publicação do meu 1º opúsculo — "A Mocidade de Antero". Por um instante, Antero ficou sendo para mim um mestre, um guia, de quem eu quisera ser o apóstolo, eu o portador aos indígenas da sua palavra quente de solidariedade humana.

"O Evangelho novo é a bíblia da Igualdade:  
A Justiça é esse o tema imenso do sermão;  
A missa nova, essa é a missa da Liberdade:  
E o órgão a acompanhar... a voz da Revolução!"

Ou nesta apóstrofe contra os poderosos:

"Pois bem! Grandes, Altivos, Poderosos,  
E cometas da altura,  
E Senhores da terra, e Semi-deuses...  
Vós sois o pó e o nada!"

Mas depois de assim, por um instante, ter fundido com o dele o meu juvenil entusiasmo, ao entregar-me à acção da vida prática, que cedo iniciei, logo tive de abandonar Antero, esquecê-lo. A inoperância do seu ideário e o desajustamento das realidades quotidianas ao pensamento idealista, conduziram-me a uma opção: eu não seria poeta nem intelectual, seria essencialmente um homem de acção. E a meu ver, a prática social reclamava uma doutrinação outra, mais sólida, mais estruturada, mais adequada ao desenvolvimento social dos nossos dias.

Nesses primeiros anos de 1940, afinal, o Mundo estava em guerra, essencialmente impunha-se abater o nazismo e o fascismo, e Antero aparentemente nada tinha a ver com o drama daquela época.

Abandonei Antero e esqueci-o durante 20 anos, aquelas décadas em que me entreguei furiosamente à acção, a acção possível, ingrata e



castigadora daqueles anos de vazio, da solidão portuguesa, e da travessia no deserto das nossas esperanças que eram (muitas).

Antero também nada dizia que pudesse orientar-se na acção (e acções) a que nos devotámos nesses anos posteriores à Segunda Guerra Mundial, que foram afinal os primeiros dessa outra guerra desgastante, a "guerra fria", que perdurou até muito recentemente.

Mas voltei a Antero em 1962. Então já me inspirou reflexões críticas que vinte anos antes não ousara. Interessou-me enquadrá-lo num conjunto de outros conhecimentos, que outrora não tinha nem eram motivo de interesse para os biógrafos tradicionais do Poeta. Agora impunha-se compreendê-lo na sua militância social. Não seria só o Antero literário, romântico, idealista.

Para este meu 2º Antero (edição preparada em 1962, mas interrompida por uma prisão política, saiu em 1963) parti com a preocupação de desmentir uma tendência que então era predominante, a de apresentar Antero como marxista. Rótulo que manifestamente não lhe calha. Mas como ele se afirmou, quatro anos antes de morrer "adepto de Marx e Engels" (numa carta autobiográfica a Willem Storch, 24-V-1887), alguns biógrafos apressaram-se a tomá-lo à letra como marxista, uma ideologia que nos nossos anos de 60 esteve muito na moda entre intelectuais do Ocidente. Foram sobretudo jovens autores brasileiros (Luis Washington Vita) quem contribuiu para esse equívoco sobre Antero.

O meu Antero de 1962 foi portanto, essencialmente, uma demonstração da raiz idealista e proudhoniana da sua ideologia.

Aliás, foi com este 2º Antero que eu fiz o trânsito da literatura e do jornalismo, que até aí me seduziam, para a investigação histórica, a que me devotei a partir de então.

E depois esqueci-o novamente; desprendi-me dele. Passei a voar por conta própria; queimei as asas ao fogo das minhas próprias ilusões.

Passados mais 30 anos, retorno hoje a Antero, acicatado pela passagem do centenário do seu suicídio. Sim, porque suicídio é o que verdadeiramente se comemora este ano.

Mas será suicídio mesmo o móbil das nossas reflexões hoje?

Hoje já eu não sou o idealista juvenil que fui nos anos de 1940. Também o meu criticismo dos anos 60 e 70 tomou outras nuances.

Nos anos de 1960 e primeiros de 70 estávamos condicionados ainda pelas circunstâncias anti-culturais de um regime ditatorial na plenitude das suas capacidades repressivas, estas reforçadas a pretexto da guerra colonial.

Creio que as circunstâncias políticas, repressivas e colonialistas em que decorreu a história da sociedade portuguesa ao longo de meio século não podem ser obliteradas quando se queira compreender e explicar muitos dos factos contraditórios, e aparentemente absurdos, de que hoje, com a nossa experiência actual, nos damos facilmente conta de que são essencialmente de carácter anti-cultural e obscurantistas.

Nestes últimos 30 anos, isto é, entre a minha anterior abordagem de Antero e hoje, não foi só a muita água que passou sob as pontes. Foi sobretudo a minha experiência social e colectiva que vivemos todos nós. A experiência, primeiro, de 1962 a 1974, de uma ditadura sofrida até à última gota do cálice da nossa amargura, sim; mas também e sobretudo, a partir de 1974, a experiência da liberdade, que nos reconduziu ao nosso estatuto de portugueses de maioria. E como tais, passamos a viver na plenitude as nossas experiências políticas, sociais, económicas e culturais. Experiências colectivas e diversificadas. Experiências de liberdade instituída, que dura já há mais tempo que durou a nossa Primeira República; e que há-de perdurar para além das nossas vivências individuais.

Nesta nova situação de liberdade institucional, amadurecida por uma já razoável vivência — no seu duplo aspecto, o social e o individual — o meu retorno a Antero, hoje, é mais sereno, mais humilde, e procura ser mais compreensivo. Já não estamos mais condicionados pelas tais circunstâncias anti-culturais que nos envolveram nas décadas anteriores.

A personalidade de Antero entendo-a agora, não como um modelo a seguir (1942) nem como um modelo a recusar (1962), mas

na dinâmica de uma oscilação pendular; quero dizer, na alternância (inconstância) dos seus estados psicológicos e das suas posições ideológicas.

Na realidade, de Antero não se pode dizer que fosse marxista, nem anti-marxista. Dominado por uma aspiração a um tempo moral e social, de tipo proudhoniano, buscava sobretudo um antídoto ao desenfreado individualismo liberal dominante. Assim, tanto se proclamava umas vezes "adepto de Marx e de Engels" como outras vezes se inspirava no "radicalismo e o socialismo de Michelet, Quinet e Proudhon", como também se considerou, "durante uns sete ou oito anos uma espécie de pequeno Lassalle", com a sua "hora de vã popularidade".

Ora, como esta tríplice inspiração por ele reconhecida, era entre si incompatível (o marxismo de uns nada tinha a ver com o idealismo e o reformismo dos outros), o que me parece dever procurar-se em Antero não é um rótulo classificativo, de cariz ideológico, mas a apreensão da riqueza da sua personalidade moral e social.

É assim que hoje eu não busco no Poeta um doutrinário coerente, mas um homem coerente com os valores morais e sociais que pautaram a sua vida e a sua conduta.

Por isso, eu dou hoje mais relevância a outros aspectos que me parecem mais significantes.

Vou dar alguns exemplos.

Deixando de parte aqueles arroubos da adolescência, aquela autêntica fúria da natureza com que Antero foi desabrochar em Coimbra (entre os 14 e os 22 anos), o que me parece altamente definidor da sua personalidade foi a decisão, que tomou depois de formado, de ir experimentar em Paris, a vida do quotidiano operário.

Aos 24 anos, já depois de ter publicado os primeiros Sonetos (1861), as Odes Modernas (1864) e se ter batido na Questão Coimbrã ("Bom Senso e Bom Gosto", 1864), entra para a Imprensa Nacional (1866) como aprendiz de tipógrafo para em Paris poder exercer essa profissão.

"Além dos filósofos que indagam — escrevia Antero — há ainda no mundo uma outra classe, menos brilhante mas mais numerosa de homens — são os tristes que choram".

E ele foi para junto dos tristes que choram, envergando a bata de tipógrafo.



Essa renúncia aos privilégios da sua condição burguesa dá bem ideia da grandeza moral e da sinceridade dos ideais que acalentava. Justificava-se nestes termos:

"Por tanto tempo desesperei sem fundamento e me cansei sem ter trabalhado, que quero comprar com estes supremos esforços o direito formidável da desesperação com plena consciência".

Depois, vencido pelo frio que sofreu, pelo isolamento em Paris, e pela falta de fraternidade com que sonhara, mesmo assim Antero reconhecia no regresso: "Cinco meses em Paris valem mais do que cinco anos de uma formatura em Coimbra".

Além de desiludido, Antero regressou com os primeiros sintomas da doença que havia de atormentá-lo até final da vida: uma morbidez psicológica que o cansava e abatia, lançando-o para estados de inatividade física.

"Só males são reais, só dor existe (...)  
(...) Que sempre o mal pior é ter nascido!"  
A. Germano Meireles, 1860-62, pág. 17.

"Em vão lutamos. Como névoa baça,  
A incerteza das cousas nos envolve.  
(...) E a vontade ambiciosa, que resolve,  
Como onda entre rochedos se despedaça"  
Ad Amicos, 1860-62, pág. 19.

"... de que serviu o sangue  
com que regaste, ó Cristo, as urzes do Calvário?"  
A um Crucifixo, 1860-62, pág. 20.

Mas se estes eram versos da juventude reveladores já dos seus estados de abatimento e pessimismo, outros sonetos da mesma época confirmam o lutador e o crítico intervencionista:

"Empunhasse eu a espada dos valentes! (...)  
... Já não veria dissipar-se a aurora  
De meus inúteis anos, sem uma hora  
Viver mais que de sonhos e ansiedade!  
Já não veria em minhas mãos piedosas  
Desfolhar-se, uma a uma, as tristes rosas  
Desta pálida e estéril mocidade;"

Enquanto outros combatem, 1862-66, pág. 45.

Ou estoutro, um pouco mais tarde, a um Poeta, em contraponto:

... "Acorda! é tempo! (...)  
Um mundo novo espera só um aceno...  
Escuta, é a grande voz das multidões! (...)  
Ergue-te pois, soldado do Futuro,  
E dos raios de luz do sonho puro,  
Sonhador, faz espada de combate!"  
1864-74, pág. 70.

Estas alternâncias, ora saúde ora doença — o Antero apolíneo e o Antero nocturno no dizer de António Sérgio — representaram até ao fim da vida o âmbito pendular dos seus estados de espírito: ora o optimista da luta, ora o pessimista da inabilidade.

A partir do seu primeiro regresso de Paris, Antero passou a recolher-se frequentemente em casa do seu amigo Alberto Sampaio, ora na Costa em Guimarães, ora em Cabeçudos de Famalicão. A serenidade dos ambientes bucólicos, quando mais tarde residiu por uns anos em Vila do Conde (1881-1889), tranquilizava-o dos seus desgostos e ajudava-o a reencontrar-se consigo próprio.

Outro momento alto da sua exaltação e combatividade liga-se à agitação social e ideológica que ocorreu à volta da Comuna de Paris, tinha Antero 29-30 anos.

A Comuna de 1871 (18.III a 28.V) foi o anúncio de um mundo novo de esperanças, com a Associação Internacional dos Trabalhadores a fazer a sua grande afirmação de internacionalismo proletário. Alguns internacionalistas espanhóis (Francisco Mora, Gonzalez Morago e Anselmo Lorenzo, da facção aliancista, discípulos de Proudhon e Bakunine) lançaram-se na Península Ibérica a mobilizar a opinião pública em favor das novas ideias sociais, que os acontecimentos despertavam.

Em Madrid, promoveram em Março e Abril as conferências ditas de Santo Isidro, designação da sala da Escola de Agricultura (na Calle de los Estudios), onde tiveram lugar; e em Lisboa, um pouco mais tarde, conseguiram mobilizar o apoio de alguns intelectuais para se realizarem as Conferências Democráticas do Casino, que decorreram em Maio e Junho do mesmo ano.

Antero (com José Fontana) foi o grande animador dessas Conferências Democráticas, momento afirmativo da nossa primeira tentativa de ligar Portugal à Europa, e também de gritar um alerta para as inovações sociais do século.

As Conferências Democráticas do Casino representaram em Portugal, depois da Questão Coimbrã, um momento significativo no processo da reforma das mentalidades, já que os seus promotores se afirmaram (no programa) preocupados "sobretudo com a transformação social, moral e política dos povos", e tinham em vista, por outro lado, "ligar Portugal com o movimento moderno". Nestas duas vertentes, as Conferências representaram uma ruptura frontal com o tradicionalismo.

A conferência de Antero de Quental foi, nesse sentido, a mais significativa de todas as que se realizaram. Procurou inquirir sobre as causas da decadência (Causas da Decadência dos Povos Peninsulares), um sentimento colectivo que entre nós começara a gerar-se a partir de Herculano (e que o belga Émile de Laveleye acentuou ao ligar o absolutismo político e o absolutismo religioso — Concílio de Trento, Inquisição — ao colonialismo).

Lembremo-nos que entre essas causas, insurgindo-se contra a escravatura, o trabalho servil e o espírito guerreiro, pôs o dedo na ferida do colonialismo (as "conquistas") como uma das causas do nosso atraso económico. Antero via nas "conquistas" uma das principais causas (as outras eram a expulsão dos mouros e judeus e a introdução da Inquisição) da estagnação do comércio e da indústria na metrópole.

A partir dessa conferência de Antero, António Sérgio criaria, cinquenta anos mais tarde, a sua teoria das "duas políticas nacionais"

(a da Fixação=trabalho, paz, investimento, produção; e a do Transporte=comércio, guerra, aventura, parasitismo), que mostra os malefícios que o colonialismo acarretou para Portugal: o atraso económico, o atraso intelectual e o atraso tecnológico.

Nas Conferências Democráticas do Casino, Antero apresenta-se como a charneira entre o pensamento antigo, tradicional, e o pensamento moderno, que condena o colonialismo e preconiza a nossa ligação à Europa. Objectivos que, porém, só viriam a ser atingidos no nosso tempo.

Nos anos seguintes às Conferências Democráticas, começaram a afirmar-se também algumas inovações sociais entre nós. Foi o caso da associação Fraternidade Operária (1872), uma associação de resistência dos trabalhadores; a formação em 1875 do primitivo Partido Socialista, este a pretender alcançar expressão política para os assalariados; e ganhou força na mesma década a aspiração ao sufrágio universal (1877-1878).

Por essa época, Antero compôs o bellissimo soneto social intitulado "A um crucifixo", que dá à plebe, até aí uma categoria desprezível, de que o próprio Poeta se considera parte integrante, a dignidade da ascendência de Cristo:

Não se perdeu teu sangue generoso,  
Não padeceste em vão, quem quer que foste,  
Plebeu antigo, que amarrado ao poste  
Morreste como vil e faccioso.

Desse sangue maldito e ignominioso  
Surgiu armada uma invencível hoste...  
Paz aos homens e guerra aos deuses! — pôs-te  
Em vão sobre o altar o vulgo ocioso...

Do pobre que contesta foste a imagem,  
Um povo em ti começa, um homem novo  
De ti data essa trágica linhagem.

Por isso nós, a Plebe, ao pensar nisto,  
Lembraremos, herdeiros desse povo,  
Que entre nossos avós se conta Cristo.

Outro aspecto que me impressiona, e para o qual também queria chamar a vossa atenção, foi a sua disponibilidade para se colocar ao lado dos que sofrem.

É certo que, depois das Conferências Democráticas e do intenso movimento organizativo da classe operária que ocorreu em Portugal nos anos de 1871 e 1872, Antero não se deu bem com as intrigas que então fervilhavam, e retirou-se da capital. Nessa encruzilhada organizativa, se bem que tenha colaborado nomeadamente no órgão português da Internacional dos Trabalhadores, "O Pensamento Social", Antero aparece-nos ambíguo, equívoco e até mal informado.

Ainda em 1875, quando acabou por constituir-se o Partido Socialista ou dos Operários Socialistas (10 de Janeiro), não se notou o empenhamento do Poeta. As disputas partidárias não o mobilizavam. Republicanos e monárquicos, para ele valiam no fundo o mesmo, e estava disposto a "não seguir nenhum partido".

Chegou a ser designado para a comissão encarregada de elaborar o programa do Partido Socialista, mas em vão se esperou pelo seu contributo; acabaria por ser redigido por Nobre França, um tipógrafo.

Só passados dois anos Antero aceitou filiar-se. Depois, sim, permitiu mesmo que o seu nome fosse indicado como candidato socialista em eleições (1879, 1880 e 1881). Então tornaria bem clara a sua opção, numa carta ao jornal O Operário (25.01.1880): "Os socialistas podem contar comigo, o que não pode ninguém mais".

Ao alinhamento pelo Partido dos Operários Socialistas, acrescenta-se ainda o seu comportamento pessoal de solidariedade humana, sempre ao lado dos tristes que sofrem.

No período mais sereno da sua existência, quando se retirou por quase dez anos a viver em Vila do Conde, não se dedicou apenas a

estudos e reflexões em longas caminhadas solitárias. Na casa que habitou na Praça Velha, onde levava uma vida frugal e austera, recebia aí crianças de famílias humildes, para as ensinar a ler e a escrever. Conheço lá descendentes dessas antigas crianças que ainda hoje evocam "aquele senhor sábio e distintíssimo poeta".

Essa permanente ligação aos tristes que choram, é uma das mensagens de Antero que mais ecoam em nós, um século volvido sobre a sua morte.

As contradições da sua vida e do seu ideário reflectem, aliás, as contradições da natureza, da própria realidade.

A fidelidade com que ele capta essas contradições e as reflecte nos Sonetos, é um dos grandes motivos da nossa constante admiração.

Os Sonetos representam a quinta essência da sensibilidade de Antero.

Há meio século atrás, os críticos literários apreciavam neles sobretudo a forma, a métrica e talvez os aspectos mais nocturnos e pessimistas da poesia anterioriana:

"Só males são reais, só dor existe  
(...) Que sempre o mal pior é ter nascido!"  
A Germano Meireles, 1860-62, pág. 17.

Ou nestes versos dedicados a Guerra Junqueiro:

... "À bela luz da vida, ampla, infinita,  
(o pensamento) só vê com tédio, em tudo quanto fita,  
A ilusão e o vazio universais".  
Nirvana, 1874-80, pág. 95.

Daí, que os críticos literários sublinhassem sobretudo os aspectos psicológicos, subjectivos, dos seus estados de alma:

"O Cristo, lá no fundo [da capela], agonizava

Oh como intimamente se casava  
com a minha dor, a dor daquela imagem".  
Na capela, 1860-62, pág. 39.

Ou no Elogio da Morte:

"Morte, irmã eterna da minha alma!" (pág. 107).

"Morte, libertadora e inviolável!" (1880-84, pág. 108).

Mas além desses aspectos pessimistas e subjectivos do seu lirismo poético, os Sonetos de Antero revelam também, uma concepção dialéctica da vida e da natureza:

"Se é lei, que rege o escuro pensamento,  
Ser vã toda a pesquisa da verdade, [...]  
Em vez da luz achar a escuridade,  
Ser uma queda nova cada invento;

É lei também, embora cru tormento,  
Buscar, sempre buscar a claridade,  
E só ter como certa realidade  
O que nos mostra claro o entendimento.

O que há-de a alma escolher, em tal engano?  
Se uma hora crê de fé, logo duvida;  
Se procure, só acha... o desatino!"  
A João de Deus, 1860-62, pág. 12.

Ou naquele Diálogo, em que a cruz dizia à terra:

"Que és tu, abismo e jaula, aonde tudo  
vive na dor [...] sempre em trabalho [...]  
...sou a paz, tu és a guerra!"

... "Porém a guerra  
Respondeu: Cruz, eu sou a Natureza!"  
1864-74, pág. 64.

A estas expressões poéticas que traduzem o conceito dialéctico da vida e da realidade — pensamento / natureza / realidade — podemos juntar outras que exprimem optimismo e ardor da vida, como este hino ao amor criativo:

"Amor! mas d'um amor que tenha vida..."  
... "Amor que viva e brilhe! luz fundida  
Que penetre o meu ser — e não só beijos  
Dados no ar — delírios e desejos —  
Mas amor... dos amores que têm vida..." (pág. 25).

E num dos últimos Sonetos (Solemnia Verba, 1880-84), a afirmação positiva do valor de uma nova vida:

"Disse ao meu coração: Olha por quantos  
Caminhos vão andámos! [...]  
"Respondeu: Desta altura vejo o Amor!  
Viver não foi em vão, se é isto a vida,  
Nem foi de mais o desengano e a dor." (pág. 119).

Como se vê, mesmo nos Sonetos, Antero foi um optimista da vida, e teve uma compreensão dialéctica da existência:

"Pedindo à forma, em vão, a ideia pura  
Tropeço, em sombras, na matéria dura,  
E encontro a imperfeição de quanto existe."  
Tormento do Ideal, 1860-62, pág. 7.

É certo que contrapõe também, à imperfeição de quanto existe, a libertação na morte:

"E sendo a Morte, sou a Liberdade."  
Mors liberatrix, a Bulhão Pato, 1874-80, pág. 78.

Contrapõe mesmo o vazio universal à luz da vida:

"À bela luz da vida, ampla, infinita,  
[o pensamento] só vê com tédio, em tudo quanto fita,  
A ilusão e o vazio universais."  
Nirvana, a Guerra Junqueiro, 1874-80, pág. 95.  
Uma vez, chega mesmo a confessar, desalentado:

"A minha alma já morreu!"  
Anima mea, 1874-80, pág. 82.

Nesse sentido, podemos compreender que o suicídio de há 100 anos terá sido o desfecho libertador das suas infinitas angústias.

Mas a verdade é também — para terminar — que, pela sua finíssima sensibilidade, pelo alto grau de seu humanismo, e pela intensidade do seu sentimento solidário, — devemos sempre curvar-nos em respeito por esse santo laico, que foi Antero de Quental.

Guimarães, Sociedade Martins Sarmiento, 11.X.1991